

ANAIIS DA EDIÇÃO DE 10 ANOS DO CAT IN RIO



CAT in RIO ANOS

ORGANIZAÇÃO

inrio
CONGRESS GROUP

SUMÁRIO

ABORDAGEM DIAGNÓSTICA E TERAPÊUTICA DA SÍNDROME DE CUSHING EM UMA GATA PERSA - RELATO DE CASO	4
ALOTRIOFAGIA EM FELINO DOMÉSTICO ASSOCIADA À SÍNDROME DE SEPARAÇÃO – RELATO DE CASO	5
ASSOCIAÇÃO ENTRE A CARGA PROVIRAL DO VÍRUS DA LEUCEMIA FELINA (FELV) E FATORES EPIDEMIOLÓGICOS EM GATOS INFECTADOS EM BELO HORIZONTE, MINAS GERAIS	6
CARDIOMIOPATIA HIPERTRÓFICA TRANSITÓRIA EM GATO: RELATO DE CASO.....	7
COMUNICAÇÃO INTERVENTRICULAR AMPLA COM DEXTROPOSIÇÃO AÓRTICA MIMETIZANDO TETRALOGIA DE FALLOT EM UM FILHOTE FELINO.....	8
CONDROSSARCOMA MIXOIDE DE FÊMUR EM FELINO - RELATO DE CASO	9
DIABETES INSIPIDUS CENTRAL EM FÊMEA FELINO JOVEM – RELATO DE CASO.....	10
DIAGNÓSTICO DE COMUNICAÇÃO INTERATRIAL EM GATO DA RAÇA MAINE COON – RELATO DE CASO	11
ESPOROTRICOSE LINFOCUTÂNEA EM FELINO EM CAMPOS DOS GOYTACAZES/ RJ - RELATO DE CASO	12
ESTUDO RETROSPECTIVO SOBRE AS CAUSAS E MANEJO DA INSUFICIÊNCIA RESPIRATÓRIA AGUDA EM FELINOS: ANÁLISE DE CASOS DE PNEUMOTÓRAX, EDEMA PULMONAR E ASMA FELINA.....	13
FÍSTULA URETRAL ESPONTÂNEA EM FELINO - RELATO DE CASO	14
HEMANGIOSSARCOMA ESPLÊNICO PRIMÁRIO EM FELINO DOMÉSTICO - RELATO DE CASO	15
HIPERCALCEMIA PARANEOPLÁSICA ASSOCIADA A LINFOMA EM FELINO GERIÁTRICO - RELATO DE CASO	16

SUMÁRIO

HIPERTIREOIDISMO EM FELINO DE 10 MESES - RELATO DE CASO	17
HIPOTIREOIDISMO CONGÊNITO EM GATOS - RELATO DE CASO.....	18
IMPACTO DO ENRIQUECIMENTO AMBIENTAL NA RECORRÊNCIA DA CISTITE IDIOPÁTICA FELINA: ESTUDO RETROSPECTIVO DE 5 ANOS.....	19
CITOMETRIA DE FLUXO NO DIAGNÓSTICO DE LINFOMA T EM UM GATO – RELATO DE CASO	20
INFECÇÃO POR D. IMMITIS EM GATO: PRIMEIRO RELATO DE CASO EM ANGRA DOS REIS, RIO DE JANEIRO	21
LEUCEMIA MEGACARIOBLÁSTICA EM FELINO	22
MANIFESTAÇÕES CUTÂNEAS DE LEISHMANIOSE EM FELINO - RELATO DE CASO...	23
O USO DA GRISEOFULVINA COMO ADJUVANTE AO TRATAMENTO DE ESPOROTRICOSE DISSEMINADA EM UM GATO – RELATO DE CASO.....	24
ABORDAGEM CLÍNICA E CIRÚRGICA DE OBSTRUÇÃO URETERAL BILATERAL EM GATA – RELATO DE CASO	25
PARALISIA LARÍNGEA BILATERAL - RELATO DE CASO.....	26
PROLAPSO DA GLÂNDULA DA MEMBRANA NICTITANTE EM UM GATO - RELATO DE CASO	27
RIVAROXABANA COMO ESTRATÉGIA INOVADORA NO MANEJO DE TROMBOEMBOLISMO AÓRTICO FELINO - RELATO DE CASO COM EVOLUÇÃO FAVORÁVEL	28
SÍNDROME DA FRAGILIDADE CUTÂNEA SECUNDÁRIA A HIPERADRENOCORTICISMO IATROGÊNICO EM FELINO DOMÉSTICO – RELATO DE CASO	29
SÍNDROME HIPEREOSINOFÍLICA FELINA	30

SUMÁRIO

SÍNDROME HIPEREOSINOFÍLICA FELINA	31
HIPERCALCEMIA PARANEOPLÁSICA ASSOCIADA A LINFOMA EM FELINO GERIÁTRICO - RELATO DE CASO	32
TUMOR DE CÉLULAS INTERSTICIAIS (LUTEOMA) EM GATA - RELATO DE CASO.....	33
ÚLCERA GASTRODUODENAL PERFURANTE SECUNDÁRIA AO USO DE AINE EM GATA: RELATO DE CASO	34
URETER CIRCUNCAVA COMO PONTO CRÍTICO NA OBSTRUÇÃO DO TRATO URINÁRIO SUPERIOR EM DOIS GATOS – RELATO DE CASO.....	35
URETROCISTOSCOPIA DIAGNÓSTICA DE DIVERTÍCULO VESICO URACAL EM FELINO COM CISTITES RECORRENTES – RELATO DE CASO	36
URETROCISTOSCOPIA DIAGNÓSTICA DE DIVERTÍCULO VESICO URACAL EM FELINO COM CISTITES RECORRENTES – RELATO DE CASO	37
USO DA URETROCISTOSCOPIA NO DIAGNÓSTICO E TRATAMENTO DE OBSTRUÇÕES, ESTENOSES E RUPTURAS URETRAIS EM GATOS SUBMETIDOS À URETrostomia	38

TRABALHOS PREMIADOS

1º LUGAR



DIAGNÓSTICO MOLECULAR DE UM VÍRUS GASTROENTÉRICO EMERGENTE (CIRCOVÍRUS CANINO) EM UM GATO DOMÉSTICO – RELATO DE CASO

Autores: deLevy, L. M. B. , Santos, L. M. L. A. , Silva, Y. C. M. , Paula, A. C. S. S. , Costa, N. P. , Castro, T. X.

2º LUGAR



ASSOCIAÇÃO ENTRE A CARGA PROVIRAL DO VÍRUS DA LEUCEMIA FELINA (FeLV) E FATORES EPIDEMIOLÓGICOS EM GATOS INFECTADOS EM BELO HORIZONTE, MINAS GERAIS

ROCHA, M. A. 1 , CHAVES, F. A. A. 1 , OLIVEIRA, C. S. F. 2 , REIS, J. K. P. 2 , COSTA, E. A. 2 , COSTA, F. V. A. 2

3º LUGAR



CITOMETRIA DE FLUXO NO DIAGNÓSTICO DE LINFOMA EM UM GATO – RELATO DE CASO

CANTINI, H. N. 1* , ROCHA, M. A. 2 , SOUZA, L. M. G. 1 , OLIVEIRA, L. E. D. 3 , COSTA, F. V. A. 3 , HORTA, R. S. 3

ABORDAGEM DIAGNÓSTICA E TERAPÊUTICA DA SÍNDROME DE CUSHING EM UMA GATA PERSA - RELATO DE CASO

LIMA, J.A.¹; NASCIMENTO, L.G.²; SANTOS, F. E3.; PEREIRA, R.F4.; CASTRO, A.C.M.4;
OLIVEIRA, L.E.D.5

¹Discente no Programa de Pós-Graduação em Ciência Animal da Universidade Federal de Minas Gerais (*julliaal@hotmail.com).

²Médica Veterinária Autônoma.

³Médica Veterinária, Doutora em Ciência Animal pela UFMG

⁴Discente no Curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Minas Gerais

A síndrome de Cushing (SC) é uma endocrinopatia rara em felinos, geralmente oriunda de um tumor hipofisário. Ela é caracterizada pelo excesso de glicocorticoides na corrente sanguínea e o tratamento medicamentoso é uma alternativa segura. Assim, este trabalho objetiva descrever um caso de SC diagnosticado com precisão e controlado com uma intervenção terapêutica eficiente. Uma gata persa, de 10 anos de idade, foi atendida apresentando poliúria, polidipsia, seborreia seca crônica na região dorsal e flancos, e ausência de pelos no abdômen. No exame ultrassonográfico, foi observado adenomegalia bilateral. Os dados do histórico, exame de imagem e a presença de hiperglicemia e glicosúria sugeriram o diagnóstico de SC. Assim, o teste de supressão com dexametasona (0,1mg/kg) confirmou a suspeita. O tratamento foi instituído com trilostano (2mg/kg/VO/BID) e, 20 dias após o início da medicação, a gata demonstrou apetite, micção e ingestão de água normais, além de crescimento de pelos. Nas reavaliações periódicas, a paciente permaneceu estável. O teste de supressão, associado aos achados clínicos, é padrão-ouro para a SC. O tratamento medicamentoso com o trilostano é uma opção eficaz para o controle da doença, por inibir a síntese de cortisol. Contudo, o manejo dos pacientes pode ser desafiador, já que efeitos adversos são possíveis. Por isso, a monitoração periódica é fundamental para o ajuste de doses e prevenção de complicações. Apesar de ser rara, a SC deve sempre estar entre os diferenciais endócrinos felinos, uma vez que o diagnóstico e tratamento precoces são essenciais para um bom prognóstico.

Palavras-chave: adenomegalia; hiperadrenocorticismismo; hipercortisolismo; felinos; trilostano.

ALOTRIOFAGIA EM FELINO DOMÉSTICO ASSOCIADA À SÍNDROME DE SEPARAÇÃO – RELATO DE CASO

Ronfini, V.V.

Discente da faculdade Viviane Ronfini Vieira do curso de Medicina Veterinária – Centro Universitário IBMR (vivlane@hotmail.com)

A alotriofagia, ou pica, é um transtorno comportamental caracterizado pela mastigação ou ingestão de materiais não alimentares. Em felinos, pode estar associada a fatores ambientais, genéticos ou emocionais, como a síndrome de separação. O presente trabalho tem como objetivo relatar um caso de alotriofagia comportamental em um felino doméstico associado à ansiedade por separação. O paciente, um gato macho, sem raça definida, 3 anos de idade, castrado, domiciliado e sem histórico de doenças sistêmicas ou orais, apresentava comportamento repetitivo de mastigação de plásticos rígidos (plásticos rígidos), sem ingestão do material, exclusivamente nos períodos em que ficava sozinho por longos períodos. Os episódios cessavam com o retorno dos tutores. O comportamento foi interpretado como resposta ansiosa à ausência dos tutores, compatível com quadro de síndrome de separação felina. O paciente realiza check-ups periódicos e não apresenta alterações físicas, neurais ou laboratoriais. A conduta para a mudança de comportamento incluiu enriquecimento ambiental, mudanças na rotina, utilização de feromonioterapia e ajuste da frequência de ausências. Após as intervenções, observou-se redução significativa da mastigação dos plásticos. Conclui-se que a alotriofagia pode estar relacionada a distúrbios emocionais, sendo fundamental o diagnóstico comportamental precoce e a abordagem multidisciplinar para garantir o bem-estar felino.

Palavras chave: comportamento felino, pica, estresse, ansiedade de separação, saúde mental felina.

ASSOCIAÇÃO ENTRE A CARGA PROVIRAL DO VÍRUS DA LEUCEMIA FELINA (FeLV) E FATORES EPIDEMIOLÓGICOS EM GATOS INFECTADOS EM BELO HORIZONTE, MINAS GERAIS

ROCHA, M.A.1, CHAVES, F. A. A.1, OLIVEIRA, C. S. F.2, REIS, J. K. P.2, COSTA, E. A.2, COSTA, F.V.A.2

1. Discente no Programa de Pós-Graduação em Ciência Animal da Universidade Federal de Minas Gerais (marianaaraujo.vet@gmail.com)
2. Docente no Curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Minas Gerais.

O FeLV é um dos principais retrovírus que infecta gatos domésticos e está associado a diversas alterações clínicas, reduzindo a sobrevivência dos animais infectados. As cargas provirais (DNA integrado no genoma) e viral (RNA plasmático) são indicadores do estágio da infecção e podem ser influenciadas pela idade, sexo e estilo de vida. O objetivo deste relato foi avaliar a associação entre a carga proviral do FeLV e fatores epidemiológicos em gatos naturalmente infectados e atendidos em um hospital escola em Belo Horizonte - MG. Sessenta e cinco gatos previamente infectados pelo FeLV foram submetidos à coleta de sangue para quantificação do DNA proviral por qPCR. As variáveis avaliadas incluíram idade (1 a 10 anos), sexo e estilo de vida (abrigo, domiciliado, semi-domiciliado e vida livre). A carga proviral foi classificada como alta ($> 4 \times 10^5$ cópias/ml) e baixa ($< 4 \times 10^5$ cópias/ml). Utilizou-se o teste de Mann-Whitney ($P < 0,05$) para a idade e o teste Exato de Fisher para o sexo e estilo de vida. Animais com média de 2 anos apresentaram tendência à carga proviral alta ($P = 0,073$), enquanto gatos com média de 6 anos apresentaram carga proviral baixa. Entre as fêmeas ($n=33$), 27 apresentaram carga alta e 6 baixa; entre os machos ($n=32$), 29 carga alta e 3 baixa. Quanto ao estilo de vida ($n=62$), a maioria dos animais, independentemente da classificação, apresentou carga alta, sem diferença estatística. Conclui-se que gatos mais jovens tendem a apresentar maior carga proviral, sugerindo uma possível relação entre a idade e a replicação viral. A análise dos fatores epidemiológicos associados à carga proviral é fundamental para compreender a dinâmica da infecção, assim como auxiliar em estratégias de prevenção e definição de prognóstico em gatos FeLV-positivos.

Palavras chave: DNA proviral, Infecção, Retrovírus, RNA viral.

CARDIOMIOPATIA HIPERTRÓFICA TRANSITÓRIA EM GATO: RELATO DE CASO

COSTA, F.V.A.¹; LIMA, J.A.²; PINTO, D.N.R.³; ALVES, A.C.⁴; MAROCO, V.A.⁵; OLIVEIRA, L.E.D.¹

1. Professor Associado do Departamento de Clínica e Cirurgia Veterinárias da Universidade Federal de Minas Gerais (*fernandavamorim@ufmg.br) 2. Mestranda da Universidade Federal de Minas Gerais; 3. Discente da Universidade de Belo Horizonte; 4. Discente da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais; 5. Discente da Universidade Federal de Juiz de Fora.

A cardiomiopatia hipertrófica transitória (CMHT) é uma condição rara e reversível em felinos, caracterizada por disfunção miocárdica aguda com potencial de recuperação completa. Relata-se o caso de uma gata Persa, 8 anos, atendida com dispneia e ausculta pulmonar abafada, sugestivas de efusão pleural. A paciente foi internada e submetida a exame FAST torácico, que evidenciou moderada quantidade de líquido anecogênico bilateral. Iniciou-se estabilização com oxigenoterapia, toracocentese terapêutica e suporte intensivo. A efusão era um transudato modificado; os exames laboratoriais apresentavam alterações discretas, e o teste para FIV/FelV foi negativo. As radiografias torácicas mostraram efusão residual discreta e padrão alveolar. O ecocardiograma revelou achados compatíveis com cardiomiopatia hipertrófica do ventrículo esquerdo, dilatação moderada a importante do átrio esquerdo, disfunção sistólica e diastólica e discreta efusão pericárdica. Instituiu-se tratamento com furosemida (2 mg/kg BID) e clopidogrel (18,75 mg/gato SID). A paciente apresentou melhora clínica significativa e teve alta após 48 horas. Na reavaliação ecocardiográfica após 30 dias, houve regressão completa das alterações cardíacas, confirmando o diagnóstico de CMHT. Considerando a estabilidade clínica e os achados de imagem, recomendou-se a suspensão das medicações e nova reavaliação em três meses. Este caso reforça a importância do diagnóstico diferencial e do acompanhamento ecocardiográfico sequencial em gatos com sinais respiratórios agudos.

Palavras chave: Cardiologia, dispneia, ecocardiograma, felinos, insuficiência cardíaca congestiva.

COMUNICAÇÃO INTERVENTRICULAR AMPLA COM DEXTROPOSIÇÃO AÓRTICA MIMETIZANDO TETRALOGIA DE FALLOT EM UM FILHOTE FELINO

NUNES, B.M.^{1*}, OLIVEIRA, J.S.¹, BORGES, R.C.¹, FARIA, J.G.², NETO, G.B.P.³, MARTINS, C.S.³

1. Discente da Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade de Brasília (biancamnunes@gmail.com).
2. Médica Veterinária Residente de Clínica Médica de Animais de Companhia da Universidade de Brasília.
3. Docente da Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade de Brasília.

As cardiopatias congênitas são causas relevantes de morbidade em filhotes felinos, sendo a comunicação interventricular (CIV) uma das malformações mais frequentemente relatadas. A depender da sua localização e magnitude, pode vir acompanhada de outras alterações cardíacas, como a dextroposição da aorta. Este trabalho relata o caso de um filhote felino com CIV ampla e cavalgamento da aorta, mas sem evidências ecocardiográficas de estenose pulmonar ou hipertrofia ventricular direita, o que afasta o diagnóstico clássico de tetralogia de Fallot. O paciente, um gato macho sem raça definida, com três meses de idade, foi encaminhado ao Hospital Veterinário da Universidade de Brasília com histórico de letargia e respiração oral ocasional. Ao exame físico, foi detectado sopro sistólico de intensidade VI/VI com frêmito em todos os focos. Os exames revelaram hemograma dentro da normalidade, discreta cardiomegalia na radiografia torácica e ritmo sinusal no eletrocardiograma. A ecocardiografia evidenciou uma CIV perimembranosa ampla com fluxo esquerda-direita e dextroposição da aorta. Portanto, o quadro é compatível com uma anomalia conotruncal incompleta, e não com a tetralogia de Fallot clássica. O correto reconhecimento dessas variações morfológicas e hemodinâmicas é essencial para evitar erros diagnósticos. Optou-se por conduta conservadora, com acompanhamento clínico e ecocardiográfico periódico, sendo o prognóstico considerado reservado.

Palavras chave: Cardiopatia congênita, defeito conotruncal, felino.

CONDROSSARCOMA MIXOIDE DE FÊMUR EM FELINO - RELATO DE CASO

KOELLN, A. J. M.^{1*}; OLIVEIRA, L. E. D.²; ECCO, R.²; RIBEIRO, A. L. M.³; NASCIMENTO, A. E. J.⁴; PASTOR, F. M. 2.

1. Discente da Escola de Veterinária da Universidade Federal de Minas Gerais (*contatoajmk@gmail.com). 2. Docente da Escola de Veterinária da Universidade Federal de Minas Gerais. 3. Residente em Clínica Médica Veterinária pela Universidade Federal de Minas Gerais. 4. Residente em Patologia Animal pela Universidade Federal de Minas Gerais.

O condrossarcoma é uma neoplasia mesenquimal maligna originada de condrócitos com produção de matriz condroide. Embora seja considerado um tumor ósseo primário comum, neoplasias ósseas e cartilaginosas são raras em gatos. Este relato descreve o caso de condrossarcoma mixoide em uma gata castrada, de 15 anos, de raça indefinida, com claudicação e aumento de volume de crescimento lento na face medial e distal do fêmur esquerdo. Ao exame físico, a massa possuía 15×12×10 cm, os contornos eram regulares, dura intercalada por áreas macias, aderida a planos profundos e com superfície ulcerada. A radiografia evidenciou caráter expansivo, heterogêneo, reação periosteal e aumento dos tecidos moles, com fratura patológica do fêmur. Diante disso, realizou-se amputação alta do membro. O exame histopatológico evidenciou neoplasia mesenquimal maligna infiltrativa, formada por ilhas e lóbulos de células neoplásicas cuboides a fusiformes, citoplasma eosinofílico, núcleos redondos a ovais e hipercromáticos. As células eram sustentadas por matriz extracelular basofílica, reativa nas colorações histoquímicas de Alcian Blue e PAS. Entremeadas à neoplasia, haviam áreas de hemorragia e necrose, além de frequentes focos de ossificação endocondral. Diante dos achados anatomopatológicos, o diagnóstico foi firmado como condrossarcoma mixoide. O tema é relevante devido à escassez de relatos desta neoplasia na espécie felina. No caso descrito, optou-se pela amputação, principal abordagem terapêutica, associada a sobrevida prolongada devido ao baixo potencial metastático do condrossarcoma. O paciente foi atendido no Hospital Veterinário Público, não houve continuidade no acompanhamento após a alta, impossibilitando a obtenção de informações sobre o tempo de sobrevida ou tempo livre de doença.

Palavras chave: Condrossarcoma, neoplasia óssea, oncologia.

DIABETES INSIPIDUS CENTRAL EM FÊMEA FELINO JOVEM – RELATO DE CASO

PASQUAL, N.*1, TOMANINI, G..2, OLIVEIRA, L.3, NHANHARELLI, J.4

1. M.V. Aprimoranda Nível II em Clínica Médica Universidade Santo Amaro – ninapasqual@gmail.com
2. M.V. Aprimoranda Nível I em Clínica Médica Universidade Santo Amaro
3. M.V. Clínica Médica Universidade Santo Amaro
4. Docente da Universidade Santo Amaro

A diabetes insipidus central (DIC) é uma condição caracterizada por deficiência de arginina vasopressina (AVP), também conhecida como hormônio antidiurético (ADH). A ausência desse hormônio compromete a capacidade renal de concentrar a urina, levando à poliúria e polidipsia persistentes. Sendo assim, objetiva-se relatar um caso, com diagnóstico confirmado por resposta à administração de desmopressina. Uma fêmea felina, sem raça definida (SRD), 7 meses de idade, não castrada, pesando 1,400 kg, foi atendida com histórico de polidipsia, poliúria, polaciúria e incontinência urinária em repouso desde os 2 meses de idade. Ao exame físico, observou-se baixo desenvolvimento corporal para idade, e desidratação estimada em 6%. Nos exames laboratoriais, foi identificada hipostenúria (densidade urinária de 1,005). Após exclusão de doença renal crônica juvenil, considerou-se a hipótese de diabetes insipidus. Foi realizado diagnóstico terapêutico com desmopressina, administrada por via oral na dose de 0,05 mg/kg BID. Após sete dias, uma nova urinálise evidenciou densidade urinária de 1,020, indicando melhora da capacidade de concentração urinária. Clinicamente, a paciente apresentava-se normohidratada e os tutores relataram ausência de poliúria, polidipsia e incontinência urinária. Concluiu-se que o tratamento com desmopressina foi eficaz, evidenciado tanto pelos resultados laboratoriais quanto pela melhora clínica da paciente.

Palavras chave: Desmopressina, felino, poliúria, hormônio antidiurético, polidipsia, endocrinologia, nefrologia.

DIAGNÓSTICO DE COMUNICAÇÃO INTERATRIAL EM GATO DA RAÇA MAINE COON – RELATO DE CASO

D'SOARES, C. S.^{1*}, LIMA, J.A.¹; ALVES, A.C.², MAROCO, V.A.³, PINTO, D.N.R.⁴, OLIVEIRA, L.E.D.⁵

1. Mestranda da Universidade Federal de Minas Gerais (*charmilas@ufmg.br);
2. Discente da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais; 3. Discente da Universidade Federal de Juiz de Fora; 4. Discente da Universidade de Belo Horizonte; 5. Professor do Departamento de Clínica e Cirurgia Veterinárias da Universidade Federal de Minas Gerais.

A comunicação interatrial (CIA) é uma malformação cardíaca congênita incomum em felinos, caracterizada pela falha no fechamento do septo interatrial, permitindo fluxo anômalo de sangue entre os átrios. Este relato descreve um caso de CIA diagnosticado em um gato fêmea da raça Maine Coon, 2 anos de idade, 5 kg, castrada, encaminhada para check-up de rotina. No exame físico, observou-se ritmo de galope à auscultação cardíaca, com frequência cardíaca de 220 bpm e frequência respiratória de 44 rpm. Os demais parâmetros avaliados encontravam-se dentro da normalidade. Diante do achado, a paciente foi encaminhada para realização de um ecoDopplercardiograma, que revelou sobrecarga moderada de átrio e ventrículo direitos, além de defeito no septo interatrial medindo 0,24 cm, com fluxo da esquerda para a direita. As funções sistólica e diastólica estavam preservadas, e as demais estruturas cardíacas não apresentavam alterações. Optou-se por não instituir tratamento medicamentoso, considerando a estabilidade hemodinâmica da paciente, sendo recomendada reavaliação ecocardiográfica em seis meses. Apesar da baixa prevalência em felinos, a CIA deve ser considerada como diagnóstico diferencial frente a alterações auscultatórias. O ecoDopplercardiograma é ferramenta essencial para a identificação precoce e monitoramento de cardiopatias congênitas, como a CIA.

Palavras chave: Comunicação interatrial, cardiopatia congênita, ritmo de galope, ecocardiografia.

ESPOROTRICOSE LINFOCUTÂNEA EM FELINO EM CAMPOS DOS GOYTACAZES/ RJ - RELATO DE CASO

MONTEIRO. V. R. G.¹, LEANDRO, C. Q.¹, BORGES, C. P.¹, SANTANA, I. R.¹, MACEDO, T. R.¹;
VALLERIOTE, P.S.²,

1. Discente do Curso de Medicina Veterinária pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF); (victoriaregia801@gmail.com)
2. Pós-Graduada em Clínica Médica e Cirúrgica de Pequenos Animais pelo Instituto Qualittas, Graduada em Medicina Veterinária pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF).

A esporotricose é uma micose zoonótica de evolução subaguda a crônica, provocada por fungos dimórficos do gênero *Sporothrix*, com destaque para *S. brasiliensis*, espécie emergente no Brasil. Caracteriza-se por lesões nodulares e ulceradas, podendo evoluir para formas sistêmicas. A infecção ocorre por contato direto ou inoculação do agente, geralmente por animais infectados. Este relato objetiva descrever um caso de esporotricose linfocutânea em felino macho adulto, domiciliado em Campos dos Goytacazes-RJ, atendido em maio de 2025. Submetido a exames clínico-laboratoriais (hemograma, bioquímica sérica, ultrassonografia e sorologia para FIV/FeLV), o paciente apresentou resultados normais. No exame físico, observou-se edema firme e progressivo na região torácica dorsal. Realizou-se punção aspirativa por agulha fina (PAAF), com coloração Panótico Rápido e análise microscópica direta, revelando estruturas leveduriformes compatíveis com *Sporothrix* spp.. O diagnóstico foi estabelecido com base na associação entre sinais clínicos, contexto epidemiológico e citologia. Iniciou-se tratamento com itraconazol (100 mg/dia, VO), Desmopet® (10 mg/kg, VO), betaglucana (10 mg/kg, VO) e iodeto de potássio (5 mg/kg, VO), com acompanhamento mensal. O animal respondeu positivamente, apresentando regressão gradual dos edemas. O caso reforça a eficácia terapêutica adotada e destaca a importância da suspeita clínica frente a lesões cutâneas atípicas em felinos.

Palavras chave: Diagnóstico diferencial; *Sporothrix* spp.; zoonose.

ESTUDO RETROSPECTIVO SOBRE AS CAUSAS E MANEJO DA INSUFICIÊNCIA RESPIRATÓRIA AGUDA EM FELINOS: ANÁLISE DE CASOS DE PNEUMOTÓRAX, EDEMA PULMONAR E ASMA FELINA

CRUZ, M.O.^{1*}, COSTA, L.S.¹, SAAR, A.R.¹, FILHO. M.S.²

¹Discente do curso de Medicina Veterinária, Universidade de Vassouras, Vassouras – RJ (*milena.o.cruz@hotmail.com); ²Docente Adjunto do Curso de Medicina Veterinária e do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária, Universidade de Vassouras, Vassouras – RJ.

A insuficiência respiratória aguda (IRA) em felinos é uma emergência clínica que pode resultar de diversas condições, como pneumotórax, edema pulmonar e exacerbações de asma felina, frequentemente evoluindo para hipoxemia grave. Este estudo retrospectivo analisou 30 gatos atendidos emergencialmente entre 2019 e 2024 em um centro de referência, com diagnóstico de uma dessas três condições. Foram coletados dados clínicos e demográficos, além de exames complementares como radiografias torácicas, gasometria e, quando necessário, ultrassonografia. O pneumotórax foi identificado em 12 casos, principalmente em gatos sem raça definida (SRD), com dispneia, taquipneia e cianose como sinais predominantes. A radiografia torácica foi o método diagnóstico mais utilizado, evidenciando colapso pulmonar em grande parte dos casos. O tratamento consistiu em drenagem torácica, oxigenoterapia e analgesia, resultando em recuperação completa em 8 animais, embora dois apresentassem recidiva e outros dois desenvolvessem fibrose pulmonar leve. O edema pulmonar foi diagnosticado em 10 gatos, com dispneia grave, estertores e taquipneia. O tratamento incluiu oxigenioterapia, diuréticos e, em casos graves, ventilação assistida, com 60% de taxa de recuperação e um óbito registrado. Já a asma felina, presente em 8 casos (predomínio da raça Siamês), manifestou-se com tosse, dispneia e respiração ruidosa, sendo tratada com broncodilatadores e corticosteroides sistêmicos, resultando em controle clínico em 75% dos pacientes. Os achados do estudo demonstram que pneumotórax, edema pulmonar e asma felina são causas relevantes de IRA em gatos e apresentam boas taxas de recuperação com o diagnóstico rápido e manejo correto de acordo com cada condição. Dessa forma, a abordagem precoce, baseada em diagnóstico por imagem e suporte ventilatório adequado, contribui para melhores desfechos clínicos. A terapia individualizada e a monitorização pós-tratamento são essenciais para a recuperação e prevenção de complicações.

Palavras chave: Drenagem torácica; Oxigenoterapia em felinos; Gasometria em emergências respiratórias; Terapia de suporte respiratório.

FÍSTULA URETRAL ESPONTÂNEA EM FELINO - RELATO DE CASO

BORGES, C. P.^{1*}, LEANDRO, C. Q.¹, LOPES, L. C.¹, MONTEIRO, V. R. G.¹, ALVES, J. V. A.², CARDOSO, S. O.²;

1. Discente de Medicina Veterinária pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF); (*carolinapborgess@gmail.com)

2. Médico Veterinário pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF);

A obstrução uretral é uma urgência frequentemente observada em felinos machos, podendo evoluir para quadros graves. O objetivo deste relato é descrever um caso de ruptura uretral espontânea com formação de fístula uretral. O paciente era um felino macho, castrado, PCB, com 5 anos de idade e 5,2 kg, atendido no Hospital Veterinário Sadi Bogado da UENF, com histórico de cistites e obstruções urinárias. Segundo o tutor, o animal apresentava disúria, vocalização durante a micção, hiporexia e polaciúria há duas semanas. Ao exame clínico, observaram-se mucosas normocoradas, FR 48 rpm, FC 164 bpm, e vesícula urinária repleta à palpação. A ultrassonografia revelou espessamento vesical com conteúdo anecogênico, além de focos ecogênicos e hiperecogênicos, compatíveis com processos inflamatórios e sedimentos. Durante a realização da hidropulsão retrógrada, procedimento com finalidade terapêutica e diagnóstica, constatou-se ruptura uretral espontânea, com extravasamento urinário através de fístula na região peniana. Diante do quadro, o paciente foi encaminhado para a cirurgia de uretostomia perineal como medida definitiva para restabelecimento do fluxo urinário. O caso destaca a importância da investigação ampla e da intervenção clínico-cirúrgica em afecções recorrentes do trato urinário inferior felino.

Palavras chave: Urina; cistite; gatos.

HEMANGIOSSARCOMA ESPLÊNICO PRIMÁRIO EM FELINO DOMÉSTICO - RELATO DE CASO

FIGUEIREDO, P.¹, GUEDES, L. P. A.², SOARES, D. DO V.², SANTOS, C. R. G. R.², ALVES, R. M. C.²

1. Médico Veterinário Autônomo (pedrodlfigueiredo@gmail.com)

2. Médica Veterinária Autônoma

O hemangiossarcoma é uma neoplasia maligna rara em gatos. Há duas formas de apresentação, a visceral e a não visceral, com discordâncias na literatura sobre prevalência e epidemiologia. Na forma visceral, o baço é o mais acometido e com alto poder metastático. Objetivou-se neste relato demonstrar a ocorrência de hemangiossarcoma esplênico em um felino. Um felino macho, castrado, 8 anos, sem raça definida, foi atendido com histórico de anorexia e perda de peso progressiva. Ao exame físico, à palpação abdominal, foi identificada uma massa abdominal em região mesogástrica e mucosas hipocoradas. Os exames laboratoriais revelaram, principalmente, uma anemia normocítica normocrômica grave e teste rápido negativo para a Imunodeficiência e Leucemia felina. A ultrassonografia evidenciou formação ovalada, de contornos irregulares e bem definidos, com pelo menos 6,30 x 9,06 cm, sobreposta a topografia de cabeça esplênica. O paciente foi submetido à laparotomia exploratória onde foi visualizado uma neoformação esplênica. Não havia formação macroscópica de metástase e a esplenectomia total foi realizada. O exame histopatológico concluiu hemangiossarcoma de origem esplênica. Apesar da indicação de realizar quimioterapia adjuvante, o tutor optou por um tratamento paliativo. O paciente evoluiu a óbito por consequências secundárias a neoplasia e teve sobrevida de 5 meses. Assim, conclui-se que o hemangiossarcoma esplênico tem evolução clínica agressiva mesmo na ausência de metástase detectável. Não foi possível avaliar se a quimioterapia aumentaria o tempo de vida. Há poucos dados sobre a ocorrência dessa neoplasia na literatura, o que torna a determinação da etiologia, prevalência, prognóstico e metástase ainda um desafio.

Palavras chave: Baço, neoplasia maligna, gato, anemia.

HIPERCALCEMIA PARANEOPLÁSICA ASSOCIADA A LINFOMA EM FELINO GERIÁTRICO - RELATO DE CASO

COSTA, L.S.^{1*}; CRUZ, M.O.¹; BORGES, D.A.²; MORAES, R.F.F.³; FILHO, M.S.³.

¹Discente do curso de Medicina Veterinária, Universidade de Vassouras, Vassouras – RJ (*costaluanavet@gmail.com); ²Pós-doutoranda do Programa de Pós-graduação em Ciências Veterinárias - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro; ³Professor Adjunto do Curso de Medicina Veterinária e do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária, Universidade de Vassouras, Vassouras – RJ.

A hipercalcemia, aumento da concentração dos níveis séricos de cálcio, é uma condição clínica que quando associada a neoplasias, como o linfoma, caracteriza-se como hipercalcemia paraneoplásica (HP), afetando negativamente o prognóstico do paciente. O linfoma é uma das neoplasias hematopoéticas mais frequentes em felinos, apresentando diversas formas clínicas. Descreve-se o caso de um gato macho, SRD, de 12 anos, com histórico de apatia, anorexia, vômitos esporádicos e perda de peso progressiva. O exame físico revelou desidratação moderada, linfonodomegalia submandibular e massas abdominais suspeitas. Os exames laboratoriais indicaram hipercalcemia significativa (16,4 mg/dL; ref. 8,5-11,8 mg/dL), hipofosfatemia leve, discretas elevações nos níveis de creatinina e ureia e linfocitose discreta. A ultrassonografia abdominal mostrou linfadenomegalia mesentérica e esplênica, com infiltração em alças intestinais. A punção aspirativa por agulha fina (PAAF) dos linfonodos evidenciou populações monomórficas de linfócitos grandes, cromatina frouxa e nucléolos proeminentes, compatível com linfoma linfoblástico. Testes hormonais confirmaram a HP, com níveis elevados de PTHrP (proteína relacionada ao paratormônio) e supressão do PTH. O tratamento inicial foi fluidoterapia agressiva com solução salina 0,9% e furosemida para promover calciúria. E em seguida, quimioterapia com protocolo COP (ciclofosfamida, vincristina e prednisolona). Embora tenha havido melhora transitória, o quadro recidivou após quatro semanas, e o paciente evoluiu para óbito por complicações metabólicas e refratariedade terapêutica. Este relato enfatiza a importância de considerar a HP em felinos geriátricos com linfoma, evidenciando o papel da citologia e exames endócrinos no diagnóstico e manejo precoce. O tratamento deve ser rápido e agressivo, mas o prognóstico permanece reservado devido à agressividade do linfoma e suas complicações metabólicas.

Palavras chave: Citologia, Fluidoterapia, Linfocitose, Neoplasia hematopoética, PTHrP.

HIPERTIREOIDISMO EM FELINO DE 10 MESES - RELATO DE CASO

MELLO, B. V. P. ^{1*}, MANOEL, F. M. T. ²

1. Discente de pós graduação da Faculdade de Veterinária da Universidade Federal Fluminense (*brunamello@id.uff.br).

2. Médica Veterinária Autônoma

O hipertireoidismo é uma desordem de efeitos multissistêmicos resultante da produção e secreção excessiva de tiroxina (T4) e tri-iodotironina (T3) pela glândula tireoide anormal. O excesso dos hormônios tireoidianos pode fazer com que a taxa do metabolismo basal aumente de 60 a 100% acima do normal ocasionando distúrbios em diferentes sistemas dos animais. Sendo capaz de gerar efeitos catabólicos sobre os músculos e tecido adiposo, aumento da perfusão renal, hipermotilidade gastrointestinal e cardiomiopatia hipertrófica. É mais comumente observada em felinos idosos, afetando menos de 5% de gatos mais novos que 8 anos. O presente trabalho objetiva relatar o caso de uma paciente felina, que foi diagnosticada aos 10 meses de idade com hipertireoidismo. A paciente felina, SRD, não castrada, aos 9 meses foi levada para atendimento devido a queixa de agressividade, taquicardia e comportamento hiperativo, além de quadros de diarreia recorrentes, sintomatologia que levantou suspeita acerca de hipertireoidismo. Um mês após a primeira consulta, após realização de exames de triagem, aos 10 meses de idade foi solicitada a concentração sérica de TSH, T4 livre e T4 total que apresentaram os respectivos valores: 0,03 ng/mL, 5,22 ng/mL e 35,6ng/mL confirmando a suspeita de hipertireoidismo, sendo iniciado o tratamento com metimazol 1,25mg BID. Após o início do tratamento, a paciente apresentou melhora dos sinais clínicos. Desta forma, apesar de ser uma doença relativamente comum em felinos com mais de 7 anos, é possível que a mesma atinja uma parcela de animais jovens, sendo de suma importância estar dentre os diagnósticos diferenciais de queixas gastrointestinais.

Palavras chave: Hipertireoidismo, distúrbios hormonais, felinos.

Hipotireoidismo Congênito em Gatos - Relato de Caso

TATIANA DE FRANÇA SALES^{1*}, CAMILA BEZERRA MODESTO², FERNANDA CONDE FERREIRA³

¹ Médica Veterinária, Especialização em Medicina Felina, Mestranda em Saúde Única - UNISA

² Médica Veterinária, Especialização em Medicina Felina - Confraria dos Miados e Latidos

³ Médica Veterinária, Especialização em Medicina Felina e Odontologia - Faculdade Anclivepa

O hipotireoidismo congênito felino é uma endocrinopatia rara, resultante da produção insuficiente de hormônios tireoidianos desde o nascimento, geralmente por disgenesia glandular ou defeitos na síntese hormonal. Essa condição interfere no crescimento, maturação esquelética e desenvolvimento neurológico. Apesar de amplamente reconhecido em cães, é muito menos comum em gatos, com poucos casos descritos na literatura. Os sinais clínicos costumam se manifestar nas primeiras semanas de vida e incluem letargia, retardo no crescimento, desproporção crânio facial, retardo na erupção dentária, constipação e alopecia. O diagnóstico é feito com avaliação hormonal laboratorial, e revela concentrações persistentemente baixas de T4 total e níveis elevados de TSH, sendo este último fundamental para confirmação diagnóstica. O tratamento consiste na reposição oral de levotiroxina sódica, com doses ajustadas com base na resposta clínica e nos níveis hormonais. A terapia precoce pode reverter grande parte das manifestações clínicas, sendo que o prognóstico é favorável quando o tratamento é instituído adequadamente, com potencial de recuperação funcional e boa qualidade de vida a longo prazo. O presente trabalho descreve um caso de hipotireoidismo congênito em um felino admitido em uma organização não governamental aos 20 dias de vida, juntamente com dois irmãos que se desenvolveram normalmente. Aos 60 dias, o paciente apresentava peso corporal de apenas 500 g, cerca de quatro vezes inferior ao de um dos irmãos. Diante do retardo de crescimento, prostração, atraso na erupção dentária e constipação recorrente, foram realizados hemograma, exames bioquímicos das funções renal e hepática, com nada digno de nota, além da dosagem hormonal. Os resultados demonstraram T4 total de 0,5 µg/dL e TSH de 2,38 µg/dL, compatíveis com hipotireoidismo. O tratamento foi iniciado com levotiroxina sódica na dose de 6,25 µg/gato, duas vezes ao dia, por via oral. Já no décimo dia de tratamento, observou-se melhora clínica evidente, incluindo ganho de peso de 200 g. Diante da persistência da constipação, a dose matinal foi ajustada para 12,5 µg/gato no 23º dia de tratamento, mantendo-se a dose noturna original, o que resultou em resolução completa do quadro clínico. No 50º dia de tratamento, o paciente atingiu 1,2 kg, porém o controle hormonal revelou T4 total de 0,210 µg/dL, exigindo novo ajuste posológico para 12,5 µg/gato, duas vezes ao dia. No 180º dia de acompanhamento, foi realizada ultrassonografia cervical sob sedação, que demonstrou glândulas tireóides em topografia habitual, porém com lobos tireoidianos de dimensões reduzidas (direito: 0,89 x 0,19 cm; esquerdo: 0,88 x 0,18 cm), confirmando o diagnóstico de hipotireoidismo congênito. O paciente recuperou-se completamente com a terapia medicamentosa, que será permanente, tendo alcançado o desenvolvimento normal para sua idade.

Palavras chave: Hipertireoidismo, distúrbios hormonais, felinos.

IMPACTO DO ENRIQUECIMENTO AMBIENTAL NA RECORRÊNCIA DA CISTITE IDIOPÁTICA FELINA: ESTUDO RETROSPECTIVO DE 5 ANOS

BARROS, C.M.^{1*}, BRANDÃO, A.C.F.¹, PEDROSO D.I.¹, LAVINAS, J.L.¹, ALVES, M.S.¹, FILHO, M.S.²

1. Discente do curso de Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras (*claramarquesb04@gmail.com)
2. Docente do curso de Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras

A cistite idiopática felina (CIF) é uma condição recorrente e de etiologia multifatorial. Embora intervenções dietéticas sejam amplamente empregadas, fatores ambientais têm papel determinante na fisiopatogenia e recorrência do quadro. Este estudo retrospectivo observacional avaliou a influência do enriquecimento ambiental na taxa de recorrência da CIF em gatos atendidos em clínica-escola entre 2018 e 2023. Foram incluídos felinos com histórico clínico compatível, diagnóstico por exclusão (urinálise, urinocultura negativa e ultrassonografia abdominal sem alterações relevantes) e seguimento clínico mínimo de 12 meses. Os animais foram distribuídos em dois grupos: Grupo A (n=44), submetido à dieta terapêutica e tratamento sintomático; e Grupo B (n=40), submetido à mesma dieta associada a protocolo de enriquecimento ambiental. Recorrências foram definidas como reaparecimento de sinais clínicos com intervalo mínimo de 30 dias. A análise estatística foi realizada pelo teste qui-quadrado ($p < 0,05$). Resultados demonstraram maior taxa de recorrência no Grupo A (61,4% vs. 20%), bem como maior média de episódios por animal ($2,1 \pm 0,8$ vs. $0,7 \pm 0,4$) e de visitas emergenciais anuais (1,6 vs. 0,5). Os achados evidenciam a relevância do enriquecimento ambiental como componente terapêutico essencial, demonstrando que o manejo ambiental exerce papel fundamental no controle da CIF. Considerando a participação do estresse na fisiopatologia da doença, a abordagem terapêutica deve ser multimodal, com ênfase no manejo ambiental para otimização do prognóstico e qualidade de vida dos pacientes.

Palavras chave: Cistite felina; enriquecimento ambiental; estresse crônico; medicina felina; micção inapropriada.

CITOMETRIA DE FLUXO NO DIAGNÓSTICO DE LINFOMA T EM UM GATO – RELATO DE CASO

CANTINI, H.N.1*, ROCHA, M.A.2, SOUZA, L.M.G.1, OLIVEIRA, L.E.D.3, COSTA, F.V.A.3, HORTA, R.S.3

1. Discente no Curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Minas Gerais (*helena.n.cantini@gmail.com).
2. Discente no Programa de Pós-Graduação em Ciência Animal da Universidade Federal de Minas Gerais.
3. Docente no Curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Minas Gerais.

Linfoma é a neoplasia hematopoiética mais comum em felinos. A imunofenotipagem por citometria de fluxo tem sido utilizada para auxiliar no diagnóstico e classificação de neoplasias linfoides, visto que, embora semelhantes em morfologia, diferentes tipos de linfoma apresentam heterogeneidade fenotípica. Relata-se a utilização da citometria de fluxo para avaliação de linfoma T em um felino doméstico. Uma fêmea, sem raça definida, quatro anos, com resultado antigênico positivo para FeLV foi atendida com histórico de vômitos, anorexia e oligúria. No exame físico observou-se linfadenomegalia mandibular direita de consistência firme e abafamento de bulhas cardíacas à auscultação torácica. Exames laboratoriais, radiografia torácica, ultrassonografia abdominal e T-FAST revelaram efusão pleural e massa mediastinal. Realizou-se punção aspirativa por agulha fina do linfonodo mandibular para citologia e citometria de fluxo. Na citologia observou-se predomínio de células linfoides pleomórficas com alto índice mitótico, sugestivas de linfoma linfoblástico. A imunofenotipagem revelou 83% de linfócitos T (CD3+), sendo apenas 1% CD4+ e 0% CD8+, caracterizando um fenótipo T aberrante com padrão duplo negativo (CD4-/CD8-). A população de linfócitos B foi de 7%. Os resultados foram compatíveis com linfoma T multicêntrico com provável envolvimento mediastinal. A partir do diagnóstico, foi instruída a quimioterapia sob protocolo LOPH (Lomustina, Doxorrubicina, Vincristina e Prednisolona), associada a analgesia. Este relato demonstra que a citometria de fluxo, método pouco invasivo, preciso e rápido, desempenha um papel importante no diagnóstico, definição terapêutica e estabelecimento do prognóstico em casos de linfoma felino.

Palavras chave: Felino, imunofenotipagem, neoplasia.

INFECÇÃO POR D. IMMITIS EM GATO: PRIMEIRO RELATO DE CASO EM ANGRA DOS REIS, RIO DE JANEIRO

REIS, D. T. S.1*; COUTO, P. M. P.1; BOTEON, K.D.2 CAMILO, E. J. F3; ALBERIGI, B.4 BORGES, D.A5.

1. Graduanda de medicina veterinária, Universidade Estácio de Sá (*drielly_angra@hotmail.com);
2. Veterinária na empresa Boehringer Ingelheim Animal Health, Brasil;
3. Programa de Pós-Graduação em Medicina Veterinária, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).
4. Departamento de Medicina Veterinária e Cirurgia, UFRRJ.
5. Pós-doutoranda do programa de pós-graduação de Ciências Veterinárias, UFRRJ.

No Brasil, a dirofilariose é causada pelo nematódeo *Dirofilaria immitis* e afeta principalmente cães, mas também pode acometer gatos, especialmente em áreas endêmicas, causando danos ao sistema respiratório e morte súbita. O presente relato tem como objetivo descrever o primeiro caso de um gato diagnosticado com dirofilariose no município de Angra dos Reis, RJ. Um felino macho, castrado, de pelagem preta, sem raça definida, com sete anos de idade foi incluído em um estudo que tinha como finalidade estabelecer a soroprevalência da infecção por *D. immitis* em gatos de uma área endêmica para dirofilariose canina (Aprovação do Comitê de Ética nº 0106862022). Foi coletada uma amostra de 2mL de sangue em tubo com EDTA e submetida aos testes: Knott modificado, gota espessa e teste de antígeno (IDEXX® – SNAP Feline Triple Test). Não foram detectadas microfilárias nos testes de Knott modificado e gota espessa. Já o teste imunológico, obteve resultado positivo para a presença do antígeno de *D. immitis*. No momento do exame, o animal não apresentava sinais clínicos. Na radiografia torácica pôde ser observada dilatação da artéria pulmonar e o ecocardiograma revelou estrutura filariforme de 0,12 cm, na região da artéria pulmonar, sugestiva da forma adulta de *D. immitis*. A dirofilariose felina é de difícil diagnóstico, devido à baixa carga parasitária e rara presença de microfilárias. No Brasil, testes de antígenos para felinos ainda não estão comercialmente disponíveis, dificultando a compreensão da prevalência da infecção em gatos.

Palavras chave: Nematóide, verme do coração, *Felis catus*.

Leucemia Megacarioblástica em Felino

REIS, D. T. S.1*; COUTO, P. M. P.1; BOTEON, K.D.2 CAMILO, E. J. F3; ALBERIGI, B.4 BORGES, D.A5.

1. Graduanda de medicina veterinária, Universidade Estácio de Sá (*drielly_angra@hotmail.com);

2. Veterinária na empresa Boehringer Ingelheim Animal Health, Brasil;

3. Programa de Pós-Graduação em Medicina Veterinária, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

4. Departamento de Medicina Veterinária e Cirurgia, UFRRJ.

5. Pós-doutoranda do programa de pós-graduação de Ciências Veterinárias, UFRRJ.

No Brasil, a dirofilariose é causada pelo nematódeo *Dirofilaria immitis* e afeta principalmente cães, mas também pode acometer gatos, especialmente em áreas endêmicas, causando danos ao sistema respiratório e morte súbita. O presente relato tem como objetivo descrever o primeiro caso de um gato diagnosticado com dirofilariose no município de Angra dos Reis, RJ. Um felino macho, castrado, de pelagem preta, sem raça definida, com sete anos de idade foi incluído em um estudo que tinha como finalidade estabelecer a soroprevalência da infecção por *D. immitis* em gatos de uma área endêmica para dirofilariose canina (Aprovação do Comitê de Ética nº 0106862022). Foi coletada uma amostra de 2mL de sangue em tubo com EDTA e submetida aos testes: Knott modificado, gota espessa e teste de antígeno (IDEXX® – SNAP Feline Triple Test). Não foram detectadas microfilárias nos testes de Knott modificado e gota espessa. Já o teste imunológico, obteve resultado positivo para a presença do antígeno de *D. immitis*. No momento do exame, o animal não apresentava sinais clínicos. Na radiografia torácica pôde ser observada dilatação da artéria pulmonar e o ecocardiograma revelou estrutura filariforme de 0,12 cm, na região da artéria pulmonar, sugestiva da forma adulta de *D. immitis*. A dirofilariose felina é de difícil diagnóstico, devido à baixa carga parasitária e rara presença de microfilárias. No Brasil, testes de antígenos para felinos ainda não estão comercialmente disponíveis, dificultando a compreensão da prevalência da infecção em gatos.

Palavras chave: Nematóide, verme do coração, *Felis catus*.

MANIFESTAÇÕES CUTÂNEAS DE LEISHMANIOSE EM FELINO - RELATO DE CASO

SILVA, L. A. N.¹, QUEIROZ, G. T.², LIAFFA, R. S., SANTOS, A. H.²

1. Discente da Universidade de Brasília (lucasnunesvetunb@gmail.com)

2. Médico Veterinário no SIVET - Suporte Intensivo Veterinário

A leishmaniose felina é uma zoonose parasitária não contagiosa ocasionada por protozoários do gênero *Leishmania* spp., se apresenta nas formas mucocutânea, cutânea e visceral, e suas clínicas podem ser mascaradas por comorbidades, apresentando um difícil diagnóstico. O objetivo do presente trabalho é relatar um caso de leishmaniose cutânea em um felino com doença cardiorrespiratória crônica grave, que acabou dificultando a abordagem e diagnóstico inicial. Um felino, fêmea, SRD, de 8 anos, com histórico de dispnéia crônica e lesões nodulares e alopecias em região nasal e auricular, com suspeita inicial de micose. Na investigação diagnóstica inicial, incluiu-se exames laboratoriais, de imagem e histopatologia, os hemogramas seriados evidenciaram anemia normocítica normocrômica e, posteriormente, macrocítica, além de hiperproteinemia persistente com hiperglobulinemia e suas hemogasometrias demonstraram hipoxemia grave. Nos exames de imagem, a ultrassonografia revelou hepatoesplenomegalia e líquido livre e a avaliação ecocardiográfica, teve um laudo sugestivo de cardiomiopatia restritiva em evolução para dilatada.. O diagnóstico definitivo, foi obtido por meio de análise histopatológica das lesões nodulares, revelando dermatite granulomatosa difusa moderada com numerosas formas amastigotas compatíveis com *Leishmania* spp.. Seu tratamento foi receitado o uso de Alopurinol (20 mg/kg, SID), Prednisolona (1 mg/kg, SID), marbofloxacina (5 mg/kg, SID, por 30 dias) e Coleira Seresto. Conclui-se que a leishmaniose deve ser diagnóstico diferencial em felinos com lesões cutâneas, mesmo com outras doenças sistêmicas graves, e a biópsia com histopatologia é fundamental para elucidação do agente etiológico, e o tratamento precoce pode prevenir o óbito.

Palavras chave: Leishmaniose Felina, Lesões nodulares, Doença infecciosa

O USO DA GRISEOFULVINA COMO ADJUVANTE AO TRATAMENTO DE ESPOROTRICOSE DISSEMINADA EM UM GATO – RELATO DE CASO

SANTOS, C. R. G. R.¹, DE SOUZA, D. A. M.¹, FIGUEIREDO, P.² SEUD, H. G.³

1. Médica Veterinária Autônoma (carlavetuff@yahoo.com.br).
2. Médico Veterinário Autônomo.
3. Discente da Universidade Estácio de Sá, Nova Iguaçu.

A esporotricose felina é uma micose subcutânea de grande relevância na saúde pública do Brasil. E apesar da diretriz publicada no ano de 2021, a resolução clínica ainda é um desafio por fatores intrínsecos inerentes ao gato, ao fungo e ao tratamento adotado. A griseofulvina é um antifúngico oral, é distribuído preferencialmente na queratina dos pelos, unhas e pele. Este fármaco apresenta potente atividade imunomoduladora, e deve ser utilizado com cautela em gatos imunossuprimidos pelo risco de neutropenia. O objetivo deste trabalho é relatar o caso de um felino gravemente acometido por esporotricose que obteve uma resposta clínica rápida após a associação da griseofulvina ao protocolo. Foi atendido um felino macho, inteiro, jovem, recém resgatado da rua, com lesões cutâneas disseminadas. O paciente apresentava grave acometimento do plano e mucosa nasal, pesava 2,042 kg com escore corporal 2/9. Além de, lesões ulceradas exsudativas no dorso, flancos e membros. O exame citológico revelou inúmeras levedura livres e dentro de macrófagos sugestivo de infecção pelo *Sporothrix* sp. E o paciente foi positivo para anticorpos para imunodeficiência felina. O tratamento antifúngico foi iniciado com o itraconazol (100mg/gato/dia) e iodeto de potássio (5mg/kg) a cada 48 horas. Após 20 dias, na ausência de resposta clínica foi realizada a associação com a griseofulvina (5mg/kg/dia). Com base na resposta clínica satisfatória e rápida, e possibilidade de efeito adverso de neutropenia, a griseofulvina foi descontinuada com 30 dias de uso. Desta forma conclui-se que o protocolo adotado com os três antifúngicos foi de extrema importância para resolução da doença. E a griseofulvina parece ser um importante adjuvante, a ser considerado, no tratamento de casos graves.

Palavras chave: Felino, *Sporothrix*, doença fúngica, antifúngico.

ABORDAGEM CLÍNICA E CIRÚRGICA DE OBSTRUÇÃO URETERAL BILATERAL EM GATA – RELATO DE CASO

CANTINI, H.N.1*, ALMEIDA, J.M.1, KOELLN, A.J.M.1, LIMA, J.A.2, COSTA, F.V.A.3

1. Discente no Curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Minas Gerais (*helenan.cantini@gmail.com).
2. Discente no Programa de Pós-Graduação em Ciência Animal da Universidade Federal de Minas Gerais.
3. Docente no Curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Minas Gerais.

A obstrução ureteral é uma condição grave que pode evoluir rapidamente para insuficiência renal aguda e óbito. Nesse sentido, objetivou-se relatar a ocorrência de obstrução ureteral bilateral em gata doméstica. Uma fêmea felina, de 8 anos de idade, foi atendida após apresentar um quadro agudo de vômitos, intensa algia abdominal, anorexia e anúria com evolução em três dias. No exame físico, foi constatada intensa repleção vesical, e realizada cistocentese de alívio com retirada de 110ml de urina. Uma amostra foi encaminhada para urinálise, que constatou proteinúria, hematuria e acentuada bacteriúria. Foram coletados exames hematológicos e bioquímicos, nos quais a principal alteração foi uma azotemia significativa, que se resolveu gradativamente após a intervenção veterinária. Além disso, foi realizada hemogasometria venosa que constatou hipocalcemia e acidose metabólica. O exame radiográfico detectou estruturas radiopacas em topografia renal e ureteral bilateralmente e na bexiga. Diante do quadro, foi realizada abordagem cirúrgica, com ureterotomia em ureter direito e implantação de cateter duplo J em ureter esquerdo, além de cistotomia, com sucesso. Após a cirurgia, os cálculos foram enviados para análise mineralógica, que constatou que eram compostos por oxalato de cálcio. A paciente foi mantida em internação pós cirúrgica para monitoramento de débito urinário, que foi reestabelecido normalmente evoluindo para recuperação satisfatória. Este relato demonstra a importância do diagnóstico precoce e da intervenção cirúrgica imediata para garantir o prognóstico favorável em casos de obstrução ureteral bilateral em felinos.

Palavras chave: Ureterolitíase, felinos, oxalato de cálcio, cirurgia urológica

PARALISIA LARÍNGEA BILATERAL - RELATO DE CASO

KOELLN, A. J. M.^{1*}; VASCONCELOS, C. T. D.²; COSTA, F. V. A.³; D'SOARES, C. S.²; PENNA, S. O. S.⁴; FREITAS, P. M. C.⁵.

1. Discente em Medicina Veterinária da Universidade Federal de Minas Gerais (*contatoajmk@gmail.com); 2. Mestranda em Ciência Animal da Universidade Federal de Minas Gerais; 3. Docente em Medicina Veterinária da Universidade Federal de Minas Gerais; 4. Doutoranda em Ciência Animal da Universidade Federal de Minas Gerais; 5. Professora Adjunta da Universidade Federal de Minas Gerais.

A paralisia laríngea (PL) é caracterizada pela perda da capacidade de abdução das cartilagens aritenóides durante a inspiração. Embora seja rara em felinos, pode causar dispneia grave. Afeta principalmente animais entre 9 e 14 anos e sua etiologia pode estar relacionada a traumas, infiltração neoplásica, polineuropatias ou lesões iatrogênicas. Este relato descreve o caso de um felino, fêmea, sem raça definida, de 10 anos, inicialmente acompanhada por linfoma intestinal de baixo grau, sendo posteriormente diagnosticada com paralisia laríngea bilateral e colapso laríngeo grau III. Durante o acompanhamento oncológico, observou-se dispneia e ruído inspiratório à ausculta, com piora progressiva ao longo de um mês. Foram realizados radiografia e ultrassonografia torácica e abdominal, ecodopplercardiograma e tomografia. Na radiografia de tórax foram observadas alterações sugestivas de hérnia de hiato e na ultrassonografia abdominal foi identificado presença de ar no estômago. Por fim, foi feita a laringoscopia exploratória, sob plano anestésico leve, com ventilação espontânea. O procedimento confirmou o diagnóstico de paralisia laríngea bilateral e colapso laríngeo de grau III. O tratamento escolhido foi a cirurgia de lateralização da aritenóide direita, técnica paliativa capaz de reduzir a obstrução da via aérea em 50-70% dos casos. No pós-operatório, a paciente foi extubada sem intercorrências e permaneceu internada sob monitoramento, porém apresentou piora clínica após 24 horas, sendo optado pela eutanásia. O caso destaca a importância de considerar a paralisia laríngea como diagnóstico diferencial em felinos com dispneia, dado o número limitado de relatos e a necessidade de reconhecimento precoce e manejo adequado.

Palavras chave: Paralisia de laringe, Ablação de laringe, Dispneia.

PROLAPSO DA GLÂNDULA DA MEMBRANA NICTITANTE EM UM GATO - RELATO DE CASO

MARINHO, J.A.P.^{1*}, VIANA, L.S.¹, CARVALHO, I.O.², ALBERIGI, B.³, JARDIM, M.P.B.³

1. Médico Veterinário Residente do Programa de Residência em Medicina Veterinária da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) (juliapinhomar@gmail.com).
2. Discente da Faculdade de Veterinária do Centro Universitário de Valença.
3. Docente do Instituto de Veterinária da UFRRJ.

A glândula lacrimal da membrana nictitante produz parte da porção aquosa da lágrima responsável pela proteção corneana. O prolapso desta glândula é comum em cães e rara em gatos, condição que predispõe à olho seco, desconforto ocular e ceratites. O objetivo deste trabalho é relatar um gato com esta afecção e a conduta cirúrgica adotada. O felino, macho de 6 anos de idade, foi atendido com queixa de aumento de volume no olho esquerdo (OE). O gato apresentou teste de Schirmer maior no OE (22 mm/min) que no olho contralateral (12 mm/min). O exame oftálmico constatou entrópio bilateral e prolapso da glândula da membrana nictitante em OE, sendo indicado correção cirúrgica. Sob anestesia geral, foram realizadas as técnicas de hotz celsus para correção do entrópio e de Morgan modificada para sepultamento da glândula com fio nylon 5-0 em padrão de sutura simples contínua seguido de sutura contínua invaginante Cushing. O gato recebeu alta semanas após a cirurgia. Conclui-se que o prolapso da glândula da membrana nictitante pode acometer gatos e a técnica de Morgan modificada é uma opção viável para resolução do quadro.

Palavras chave: Olho de cereja, terceira pálpebra, filme lacrimal.

RIVAROXABANA COMO ESTRATÉGIA INOVADORA NO MANEJO DE TROMBOEMBOLISMO AÓRTICO FELINO - RELATO DE CASO COM EVOLUÇÃO FAVORÁVEL

SAAR, A. R.^{1*}, COSTA, L.S.¹, CRUZ, M.O.¹, FILHO. M.S.²

¹Discente do curso de Medicina Veterinária, Universidade de Vassouras, Vassouras – RJ (*saar.augusto@gmail.com); ²Docente Adjunto do Curso de Medicina Veterinária e do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária, Universidade de Vassouras, Vassouras – RJ.

O tromboembolismo arterial felino (TEA) é uma emergência associada à cardiomiopatia hipertrófica (CMH), com alta morbimortalidade. Caracteriza-se por obstrução súbita do fluxo sanguíneo, geralmente na bifurcação da aorta terminal, levando à paralisia dos membros pélvicos, dor intensa e sinais isquêmicos periféricos. A rivaroxabana, anticoagulante oral inibidor do fator Xa, tem se destacado por sua posologia conveniente, via oral e segurança em estudos clínicos com felinos. Relata-se o caso de um gato SRD, 7 anos, 4,5 kg, com paralisia súbita dos membros pélvicos, vocalização intensa, extremidades frias, cianose distal e ausência de pulsos femorais. Ao exame: temperatura retal de 36,5 °C, frequência cardíaca de 210 bpm e sopro sistólico grau II/VI. Doppler mostrou ausência de fluxo na aorta terminal, e ecocardiografia revelou hipertrofia septal e da parede livre do ventrículo esquerdo, disfunção diastólica e “smoke” no átrio esquerdo, confirmando CMH com alto risco trombogênico. O tratamento inicial incluiu analgesia (metadona e buprenorfina), fluidoterapia e enoxaparina (1 mg/kg SC BID por cinco dias). No sexto dia, com melhora clínica e recanalização parcial, iniciou-se rivaroxabana (1 mg/kg VO SID) associada a clopidogrel (18,75 mg VO SID), suspendendo a enoxaparina após 48 horas. O paciente recuperou progressivamente a perfusão e a função motora, caminhando quase normalmente em 30 dias. O protocolo foi mantido por 90 dias, sem eventos adversos. A rivaroxabana mostrou eficácia, segurança e aceitação favorável, com ação seletiva no fator Xa. Estudos indicam eficácia similar entre clopidogrel isolado e sua associação com rivaroxabana, sugerindo proteção sinérgica. Apesar dos bons resultados, reforça-se a importância do monitoramento, especialmente em pacientes com alterações hepáticas ou renais. Conclui-se que a rivaroxabana é uma alternativa viável e segura para anticoagulação oral em gatos com TEA secundário à CMH. Sua boa resposta clínica e facilidade de uso reforçam seu potencial terapêutico, embora estudos controlados ainda sejam necessários para padronização do protocolo em medicina felina.

Palavras chave: Anticoagulação; Cardiologia veterinária; Cardiomiopatia hipertrófica; Tromboembolismo arterial felino.

SÍNDROME DA FRAGILIDADE CUTÂNEA SECUNDÁRIA A HIPERADRENOCORTICISMO IATROGÊNICO EM FELINO DOMÉSTICO – RELATO DE CASO

OLIVEIRA, L.A.¹; AGOPIAN, R.G.²

¹ Médica veterinária – Hospital Veterinário Butantã (ladeoliveira@unisa.br)

² Médico veterinário diretor clínico – Hospital Veterinário Butantã

A síndrome da fragilidade cutânea (SFC) é rara em felinos e se caracteriza por perda da integridade da pele, com formação de lesões extensas após traumas mínimos. Pode estar associada a doenças hepáticas, diabetes mellitus, hiperadrenocorticismos (HAC) e uso crônico de corticosteroides. Relata-se um caso de felino macho, sem raça definida, 1 ano de idade, com lesão ulcerada extensa em hemitórax direito, evoluindo para o hemitórax esquerdo. O histórico incluía prurido intenso tratado com quatro aplicações de acetato de metilprednisolona por colega. Durante o exame físico, novas lesões cutâneas ocorreram com mínima manipulação. A ultrassonografia evidenciou adrenal esquerda com 0,38 cm de polo caudal e adrenal direita não foi caracterizada. A rápida evolução das lesões e o histórico do uso de corticoide de depósito sustentaram a suspeita de SFC induzida por HAC iatrogênico. O teste de estimulação com ACTH revelou cortisol basal de 0,31 µg/dL e pós-ACTH de 0,74 µg/dL, confirmando insuficiência adrenal, hipoglicemias persistentes (<60 mg/dL) também foram observadas. O tratamento consistiu na suspensão dos corticosteroides, introdução de ciclosporina (5 mg/kg SID), dieta hipoalergênica hidrolisada e controle rigoroso de ectoparasitas. Houve estabilização progressiva das lesões e melhora clínica. Este caso destaca os riscos do uso indiscriminado corticosteroides em felinos e reforça a importância de alternativas seguras, como imunomoduladores, no manejo de quadros dermatológicos crônicos.

Palavras chave: Felino, hiperadrenocorticismos, corticoide, iatrogenia, fragilidade cutânea.

SÍNDROME HIPEREOSINOFÍLICA FELINA

OLIVEIRA, L.A.¹; AGOPIAN, R.G.²

¹Médica Veterinária, Clínica Veterinária Vitória Cats, Vitória – ES (*polyanapp@gmail.com).

²Médica Veterinária, Universidade Federal de Lavras, Lavras – MG.

³Médica Veterinária Autônoma, Lavras – MG.

A síndrome hipereosinofílica (SHE) é uma doença sistêmica rara, caracterizada por eosinofilia sanguínea associada à infiltração tecidual, que leva à formação de nódulos inflamatórios, principalmente nos pulmões, fígado, baço, linfonodos e coração. O trabalho foi realizado com o objetivo de relatar um caso de SHE com infiltração pulmonar e hepática, cujo diagnóstico foi confirmado por biópsias pulmonar e hepática realizadas por videocirurgia. Foi atendida uma felina de 5 anos de idade, previamente diagnosticada com hipersensibilidade alimentar e complexo granuloma eosinofílico cutâneo, a paciente apresentava quadro de tosse há duas semanas e hiporexia. Foram realizados exames complementares, incluindo hemograma, que evidenciou eosinofilia (2.520/ μ l), perfil bioquímico e radiografia torácica que evidenciou nódulo pulmonar, achado confirmado e complementado pela tomografia computadorizada, que identificou múltiplos nódulos pulmonares (lobos cranial esquerdo e cranial direito) e hepáticos (lobos lateral e médio direitos). O diagnóstico foi confirmado por biópsia por videocirurgia, com identificação de granulomas eosinofílicos pulmonares e hepáticos. O tratamento inicial consistiu na administração de prednisolona (1,2 mg/kg/SID), com posterior substituição por ciclosporina (7mg/kg/SID) após a confirmação histopatológica. Após 3 semanas do diagnóstico, o animal retornou com melhora dos sinais clínicos e ganho de peso. O relato reforça a importância do exame histopatológico para o diagnóstico preciso da SHE, permitindo sua diferenciação de outras enfermidades. A videocirurgia é ressaltada como uma técnica segura e minimamente invasiva para a coleta de amostras, associada à necessidade de uma abordagem diagnóstica ampla em animais com histórico de doenças eosinofílicas, visando um tratamento eficaz.

Palavras chave: Eosinofilia, videocirurgia, nódulo pulmonar.

SÍNDROME HIPEREOSINOFÍLICA FELINA

OLIVEIRA, L.A.¹; AGOPIAN, R.G.²

¹Médica Veterinária, Clínica Veterinária Vitória Cats, Vitória – ES (*polyanapp@gmail.com).

²Médica Veterinária, Universidade Federal de Lavras, Lavras – MG.

³Médica Veterinária Autônoma, Lavras – MG.

A síndrome hipereosinofílica (SHE) é uma doença sistêmica rara, caracterizada por eosinofilia sanguínea associada à infiltração tecidual, que leva à formação de nódulos inflamatórios, principalmente nos pulmões, fígado, baço, linfonodos e coração. O trabalho foi realizado com o objetivo de relatar um caso de SHE com infiltração pulmonar e hepática, cujo diagnóstico foi confirmado por biópsias pulmonar e hepática realizadas por videocirurgia. Foi atendida uma felina de 5 anos de idade, previamente diagnosticada com hipersensibilidade alimentar e complexo granuloma eosinofílico cutâneo, a paciente apresentava quadro de tosse há duas semanas e hiporexia. Foram realizados exames complementares, incluindo hemograma, que evidenciou eosinofilia (2.520/ μ l), perfil bioquímico e radiografia torácica que evidenciou nódulo pulmonar, achado confirmado e complementado pela tomografia computadorizada, que identificou múltiplos nódulos pulmonares (lobos cranial esquerdo e cranial direito) e hepáticos (lobos lateral e médio direitos). O diagnóstico foi confirmado por biópsia por videocirurgia, com identificação de granulomas eosinofílicos pulmonares e hepáticos. O tratamento inicial consistiu na administração de prednisolona (1,2 mg/kg/SID), com posterior substituição por ciclosporina (7mg/kg/SID) após a confirmação histopatológica. Após 3 semanas do diagnóstico, o animal retornou com melhora dos sinais clínicos e ganho de peso. O relato reforça a importância do exame histopatológico para o diagnóstico preciso da SHE, permitindo sua diferenciação de outras enfermidades. A videocirurgia é ressaltada como uma técnica segura e minimamente invasiva para a coleta de amostras, associada à necessidade de uma abordagem diagnóstica ampla em animais com histórico de doenças eosinofílicas, visando um tratamento eficaz.

Palavras chave: Eosinofilia, videocirurgia, nódulo pulmonar.

HIPERCALCEMIA PARANEOPLÁSICA ASSOCIADA A LINFOMA EM FELINO GERIÁTRICO - RELATO DE CASO

COSTA, L.S.^{1*}; CRUZ, M.O.¹; BORGES, D.A.²; MORAES, R.F.F.³; FILHO, M.S.³.

¹Discente do curso de Medicina Veterinária, Universidade de Vassouras, Vassouras – RJ (*costaluanavet@gmail.com); ²Pós-doutoranda do Programa de Pós-graduação em Ciências Veterinárias - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro; ³Professor Adjunto do Curso de Medicina Veterinária e do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária, Universidade de Vassouras, Vassouras – RJ.

A hipercalcemia, aumento da concentração dos níveis séricos de cálcio, é uma condição clínica que quando associada a neoplasias, como o linfoma, caracteriza-se como hipercalcemia paraneoplásica (HP), afetando negativamente o prognóstico do paciente. O linfoma é uma das neoplasias hematopoéticas mais frequentes em felinos, apresentando diversas formas clínicas. Descreve-se o caso de um gato macho, SRD, de 12 anos, com histórico de apatia, anorexia, vômitos esporádicos e perda de peso progressiva. O exame físico revelou desidratação moderada, linfonodomegalia submandibular e massas abdominais suspeitas. Os exames laboratoriais indicaram hipercalcemia significativa (16,4 mg/dL; ref. 8,5-11,8 mg/dL), hipofosfatemia leve, discretas elevações nos níveis de creatinina e ureia e linfocitose discreta. A ultrassonografia abdominal mostrou linfadenomegalia mesentérica e esplênica, com infiltração em alças intestinais. A punção aspirativa por agulha fina (PAAF) dos linfonodos evidenciou populações monomórficas de linfócitos grandes, cromatina frouxa e nucléolos proeminentes, compatível com linfoma linfoblástico. Testes hormonais confirmaram a HP, com níveis elevados de PTHrP (proteína relacionada ao paratormônio) e supressão do PTH. O tratamento inicial foi fluidoterapia agressiva com solução salina 0,9% e furosemida para promover calciúria. E em seguida, quimioterapia com protocolo COP (ciclofosfamida, vincristina e prednisolona). Embora tenha havido melhora transitória, o quadro recidivou após quatro semanas, e o paciente evoluiu para óbito por complicações metabólicas e refratariedade terapêutica. Este relato enfatiza a importância de considerar a HP em felinos geriátricos com linfoma, evidenciando o papel da citologia e exames endócrinos no diagnóstico e manejo precoce. O tratamento deve ser rápido e agressivo, mas o prognóstico permanece reservado devido à agressividade do linfoma e suas complicações metabólicas.

Palavras chave: Citologia, Fluidoterapia, Linfocitose, Neoplasia hematopoética, PTHrP.

TUMOR DE CÉLULAS INTERSTICIAIS (LUTEOMA) EM GATA - RELATO DE CASO

ARAÚJO, I.C.^{1*}, SCAPUCIN, P.², SENA, L.A.L.³

1. Discente da Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade de Brasília (araujoisabel.unb@gmail.com).

2. Ultrassonografista Veterinária.

3. Médica Veterinária da CCV Catus.

O luteoma é um tumor de células intersticiais classificado histologicamente de acordo com a sua derivação do cordão sexual do ovário, assim como o tecoma e o tumor de células da granulosa, associado à síndromes mediadas por hormônios. Com isso, objetivou-se relatar um caso de luteoma em uma gata, coparticipante a virilização. Uma fêmea de 8 anos, SRD, foi atendida apresentando cios frequentes e características tipicamente atribuídas a machos, como subir nos demais gatos, rouquidão ao vocalizar, bochechas proeminentes e aumento de clitóris, com estruturas semelhantes a espículas. A paciente já possuía o histórico de duas castrações, com a segunda visando remover ovário remanescente direito. Foi solicitada ultrassonografia para investigação do cio, que apontou uma estrutura oval sugestiva de área cística. Uma terceira intervenção cirúrgica removeu este de ovário remanescente esquerdo, de consistência macia, aspecto regular compacto e coloração parda, embora também enegrecida e amarelo claro. Na histopatologia, com cortes profundos, foi constatada a ausência de tecido testicular, descartando hermafroditismo. As células neoplásicas eram grandes, bem diferenciadas, com núcleo redondo central, citoplasma abundante e discretamente vacuolar, semelhantes às células intersticiais ou luteais. Após a remoção cirúrgica, os sinais de virilização da gata foram suprimidos. Constata-se então, através tanto da anamnese quanto da análise histopatológica, que trata-se de um luteoma, raramente relatado em fêmeas.

Palavras chave: Tecoma, tumor, células intersticiais.

ÚLCERA GASTRODUODENAL PERFURANTE SECUNDÁRIA AO USO DE AINE EM GATA: RELATO DE CASO

OLIVEIRA, L.B.VI*, CASTRO, A.C.M¹., CARVALHO, T.S.¹, LIMA, J.A.², GONÇALVES, M.E.M³

1. Discente da Escola de Veterinária da Universidade Federal de Minas Gerais (leticiabvoliveira@gmail.com); 2. Discente de pós-graduação da Escola de Veterinária da Universidade Federal de Minas Gerais; 3. Discente do Centro Universitário Newton Paiva Wyden.

A úlcera gastroduodenal (UGD) é uma complicação grave, muitas vezes associada ao uso crônico de anti-inflamatórios não esteroidais (AINEs), os quais comprometem a mucosa gastroduodenal e favorecem lesões perforantes. Dessa forma, buscou-se relatar um caso de UGD tratada cirurgicamente em uma gata, persa, de 14 anos de idade, atendida com intensa algia abdominal, prostração, inapetência e desidratação. Apresentava vômitos frequentes com alimento e muco há uma semana e, segundo o tutor, o animal foi medicado sem orientação veterinária com meloxicam, omeprazol, ondansetrona, hidróxido de alumínio e mirtazapina, sem dosagens conhecidas. O uso do AINE foi suspenso após sete dias. A ultrassonografia revelou estase gástrica, ausência de visualização do piloro, intestino delgado corrugado, líquido livre e aumento da reatividade omental. Diante dos achados, a principal suspeita foi úlcera perforante induzida por medicamentos. Realizou-se laparotomia exploratória, que confirmou a suspeita na transição piloro-duodenal e intensa peritonite. Procedeu-se à ressecção da área afetada e sutura simples separada com PDS 4-0, seguida de lavagem abdominal com 1L de solução fisiológica aquecida. No pós-operatório, a paciente recebeu nutrição apenas parenteral, fluidoterapia e antibioticoterapia com nitroimidazól e cefalosporina de 3ª geração. No segundo dia, apresentou prostração grave, hipocalemia e oscilações de temperatura e pressão arterial. Diante da suspeita de sepse, os tutores optaram pela eutanásia. A UGD perforante, geralmente ligada ao uso indiscriminado de AINEs, é uma condição aguda e grave que exige diagnóstico precoce, manejo intensivo e uso criterioso de fármacos, especialmente em pacientes geriátricos.

Palavras chave: Cirurgia, fármacos, felinos, sepse, trato gastrointestinal

URETER CIRCUNCAVA COMO PONTO CRÍTICO NA OBSTRUÇÃO DO TRATO URINÁRIO SUPERIOR EM DOIS GATOS – RELATO DE CASO

SANTOS, C. R. G. R.¹, FIGUEIREDO, P.², SOARES, D. V.¹

1. Médica Veterinária Autônoma (carlavetuff@yahoo.com.br)

2. Médico Veterinário Autônomo

O ureter circuncava é uma anomalia congênita pouco descrita na Medicina Veterinária. É uma condição anatômica onde o ureter passa dorsalmente à veia cava e pode levar a um quadro obstrutivo do trato urinário superior, ou ser um achado incidental sem relevância clínica. Em humanos, sinais clínicos relacionados tendem aparecer por volta dos 40 anos de idade. O objetivo deste trabalho é relatar dois casos de ureter circuncava como fator predisponente para obstrução ureteral. O caso 1, uma gata, SRD, castrada, de 10 anos de idade, com quadro clínico de obstrução do trato urinário superior esquerda por abscesso renal. No transcirúrgico, da nefrectomia, foi visualizado ureter circuncava esquerdo. Proximal e dorsal a veia cava caudal, foi observado uma área de espessamento da parede ureteral com dois ureterólitos. O caso 2, uma gata, SRD, de 8 anos de idade, apresentava quadro clínico de obstrução do trato urinário superior direita por ureterolitíase. O paciente foi submetido a nefrectomia, devido a grave perda de parênquima renal, e hidronefrose visualizada no exame ultrassonográfico. Além disso, o exame de imagem evidenciou uma reação retroperitoneal na região de presença dos ureterólitos, e não foi possível visualizar todo trajeto ureteral direito. No momento cirúrgico foi visualizado a presença de ureter circuncava, e os inúmeros ureterólitos encontravam-se imediatamente anterior e abaixo da veia cava caudal. Outro achado foi a presença de ureterólitos entremeados a parede ureteral espessada na região acometida. Em ambos os casos, os ureterólitos foram analisados e o tecido renal enviado para histopatologia e urocultura. Os urólitos eram de oxalato de cálcio, e foi confirmada a pielonefrite nos demais exames. Conclui-se que o ureter circuncava deve ser reconhecido como ponto crítico para obstrução ureteral. Sendo ele, provável causa primária ou secundária ao processo obstrutivo. Mais estudos devem ser realizados para investigar e confirmar esta afirmativa na Medicina Veterinária como já descrita para pacientes humanos.

Palavras chave: Hidronefrose, oxalato de cálcio, pielonefrite, ureterite

URETROCISTOSCOPIA DIAGNÓSTICA DE DIVERTÍCULO VESICO URACAL EM FELINO COM CISTITES RECORRENTES – RELATO DE CASO

MARTINELLI, C.1*, COLATTO, J.B.2, SILOTTI, J. J. M. 3 FERREIRA, T. M. M. R.4

1Mestra pelo Programa de Pós-graduação em Ciência Animal da Universidade Vila Velha, Espírito Santo, Brasil. (*carolinamartinelli9@gmail.com)

2Mestranda no Programa de Pós-graduação em Ciência Animal da Universidade Vila Velha, Espírito Santo, Brasil.

3Nefrologia e Cirurgia Veterinária, Espírito Santo, Brasil.

4Docente no curso de Medicina Veterinária; Docente no Programa de Pós-graduação em Ciência Animal, da Universidade Vila Velha, Espírito Santo, Brasil

O divertículo vesico-uracal é uma dilatação sacular da parede vesical causada pela falha no fechamento do úraco no ápice da bexiga, podendo ser congênito ou adquirido. Embora raro, deve ser considerado em casos de doenças do trato urinário inferior felino (DTUIF) recorrente.

Uma fêmea felina de 6 anos apresentava cistites recorrentes há cerca de quatro meses, com polaciúria, disúria e hematúria intermitente. A ultrassonografia inicial revelou sedimentação urinária e espessamento vesical. A urinálise mostrou densidade >1040, pH 6,5, ausência de hemácias/leucócitos e cultura negativa. O diagnóstico inicial foi cistite idiopática com cristais de estruvita. Instituiu-se tratamento com prednisona, dipirona, dieta urinária e manejo ambiental. Sem melhora clínica, introduziu-se fluoxetina, suspeitando-se de cistite por estresse, também sem resposta. Nova urinálise revelou cristais de oxalato de cálcio. Radiografia contrastada e uretrocistoscopia confirmaram o divertículo uracal e a presença de microcálculos. A paciente foi submetida à laparotomia para correção do divertículo e remoção dos cálculos. No pós-operatório, foram administrados antibióticos, anti-inflamatórios e analgésicos. A urinálise de controle não mostrou cristais ou infecção. Como medida preventiva, foram prescritos citrato de potássio e hidroclorotiazida.

Palavras chave: Anomalias congênitas, cirurgia, endoscopia urinária, persistência do úraco, trato urinário inferior

URETROCISTOSCOPIA DIAGNÓSTICA DE DIVERTÍCULO VESICO URACAL EM FELINO COM CISTITES RECORRENTES – RELATO DE CASO

MARTINELLI, C.1*, COLATTO, J.B.2, SILOTTI, J. J. M. 3 FERREIRA, T. M. M. R.4

1Mestra pelo Programa de Pós-graduação em Ciência Animal da Universidade Vila Velha, Espírito Santo, Brasil. (*carolinamartinelli9@gmail.com)

2Mestranda no Programa de Pós-graduação em Ciência Animal da Universidade Vila Velha, Espírito Santo, Brasil.

3Nefrologia e Cirurgia Veterinária, Espírito Santo, Brasil.

4Docente no curso de Medicina Veterinária; Docente no Programa de Pós-graduação em Ciência Animal, da Universidade Vila Velha, Espírito Santo, Brasil

O divertículo vesico-uracal é uma dilatação sacular da parede vesical causada pela falha no fechamento do úraco no ápice da bexiga, podendo ser congênito ou adquirido. Embora raro, deve ser considerado em casos de doenças do trato urinário inferior felino (DTUIF) recorrente.

Uma fêmea felina de 6 anos apresentava cistites recorrentes há cerca de quatro meses, com polaciúria, disúria e hematúria intermitente. A ultrassonografia inicial revelou sedimentação urinária e espessamento vesical. A urinálise mostrou densidade >1040, pH 6,5, ausência de hemácias/leucócitos e cultura negativa. O diagnóstico inicial foi cistite idiopática com cristais de estruvita. Instituiu-se tratamento com prednisona, dipirona, dieta urinária e manejo ambiental. Sem melhora clínica, introduziu-se fluoxetina, suspeitando-se de cistite por estresse, também sem resposta. Nova urinálise revelou cristais de oxalato de cálcio. Radiografia contrastada e uretrocistoscopia confirmaram o divertículo uracal e a presença de microcálculos. A paciente foi submetida à laparotomia para correção do divertículo e remoção dos cálculos. No pós-operatório, foram administrados antibióticos, anti-inflamatórios e analgésicos. A urinálise de controle não mostrou cristais ou infecção. Como medida preventiva, foram prescritos citrato de potássio e hidroclorotiazida.

Palavras chave: Anomalias congênitas, cirurgia, endoscopia urinária, persistência do úraco, trato urinário inferior

USO DA URETROCISTOSCOPIA NO DIAGNÓSTICO E TRATAMENTO DE OBSTRUÇÕES, ESTENOSES E RUPTURAS URETRAIS EM GATOS SUBMETIDOS À URETROSTOMIA

SILOTTI, J.J.M.1, MARTINELLI, C.2, COLATTO, J.B.3, FERREIRA, T.M.M.R4

1 Nefrologia e Cirurgia Veterinária, Espírito Santo, Brasil. (*nefrologiaecirurgiavet@gmail.com).

2 Mestra pelo Programa de Pós-graduação em Ciência Animal da Universidade Vila Velha, Espírito Santo, Brasil.

3 Mestranda no Programa de Pós-graduação em Ciência Animal da Universidade Vila Velha, Espírito Santo, Brasil.

4 Docente no curso de Medicina Veterinária; Docente no Programa de Pós-graduação em Ciência Animal, da Universidade Vila Velha, Espírito Santo, Brasil

A uretrocistoscopia (UC) é uma técnica eficaz na avaliação de complicações uretrais em gatos com uretrostomia (UST). Este estudo retrospectivo avaliou sete felinos atendidos entre 2022 e 2025. A UC foi realizada via UST ou associada à cistoscopia percutânea (CP), com endoscópio rígido introduzido pelo ápice vesical. Foram identificadas estenoses uretrais (ET), rupturas por deiscência de sutura ou urólitos, e obstruções por plugs de fibrina. Todos os materiais foram removidos com pinça tipo basket. Dois pacientes foram submetidos à CP + UC: um para remoção de coágulo volumoso e outro para correção de ET com tesoura rígida e passagem de sonda Foley (PSF). Um paciente realizou UST + UC para extração de cálculo, e quatro realizaram UC + PSF, com dois casos de deiscência e dois de plugs obstrutivos. O tempo mediano de procedimento foi de 59 minutos (15–150), e de internação com sonda, 4 dias (2–5). Não houve complicações relevantes no pós-operatório imediato, sendo a disúria transitória a intercorrência mais comum. O acompanhamento médio foi de 14 meses (3–31), com 100% de satisfação dos tutores. Conclui-se que a UC é uma abordagem segura e eficaz no diagnóstico e tratamento de complicações uretrais em gatos uretrostomizados, podendo evitar reintervenções cirúrgicas. A associação com CP amplia sua aplicabilidade e permite excelente visualização da uretra e bexiga.

Palavras chave: Cirurgia, endoscopia urinária, trato urinário inferior